

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Traducción Fernando Bouza. Madrid: Akal Ediciones, 2005.

Samir Mustapha Ghaziri*
Carolina Caires Motta**

Bibliografia, de forma resumida, consiste, conforme Mckenzie (2005), em uma disciplina dedicada ao estudo dos textos, bem como aos processos de sua produção, transmissão e recepção. A obra de Mckenzie, apesar de suas pequenas proporções, abalou o estatuto vigente dessa área de estudos. O estudioso, no trabalho em questão, tentou ampliar as definições mais clássicas da bibliografia e expandir seu foco de atuação.

Foi um avanço considerável não só dentro dos limites de sua área de atuação, mas também para a crítica literária e a história da leitura. Segundo Chartier (2002), a publicação desse trabalho atraiu imediatamente a atenção de bibliógrafos, bibliotecários e historiadores do livro. Suscitou críticas e obteve prestígio, sobretudo, por duas ideias inovadoras por ele lançadas: a primeira em que expande o conceito de texto para além do tradicional binômio texto e livro. Afinal, conforme assinala Chartier (2005) no prólogo, nem todo o registro escrito se apresenta na forma de livro. Mckenzie é um intelectual que se distingue de outros por estar atento às mudanças que ocorrem a sua volta, sobretudo as de cunho tecnológico. Como ele diz, é preciso aproveitar “a experiência e os interesses novos de alguns estudantes para quem os livros representam apenas mais uma forma de texto”. (MCKENZIE, 2005, p. 19. Tradução nossa). A segunda ideia lançada por Mckenzie (2005) postula que as formas materiais que dão suporte aos textos afetam seu sentido. Em outros termos, todos os registros escritos colocados à leitura possuem como suporte uma materialidade específica e cada uma das formas materiais se organiza segundo padrões particulares, os quais, de maneira variável, influenciam a produção e atribuição de sentido. Nessa perspectiva, segundo Chartier (2005), tomando como exemplo o livro impresso, pode-se dizer que seu formato, “a divisão do texto, as convenções tipográficas, a pontuação estão investidos de uma função expressiva” (CHARTIER, 2005, p. 7). Desse modo, Mckenzie (2005) se opõe às concepções puramente semânticas dos textos, pois elas consideram as materialidades desprovidas de qualquer relevância.

As duas ideias de Mckenzie (2005) rapidamente explicadas anteriormente estremeceram, segundo Chartier (2002), as bases da bibliografia. Nesse sentido, é válido explicitar ainda mais o conceito de bibliografia. Ela é uma das disciplinas com maior prestígio no mundo anglo-saxão; seus postulados são definidos por Chartier (2002) a partir de dois pontos principais: o primeiro diz que “o estabelecimento de um texto (e, eventualmente, sua edição) supõe a reconstrução rigorosa da história de sua composição e de sua impressão na oficina tipográfica”. (CHARTIER, 2002, p. 245). O segundo ponto considera que “a compreensão desse processo de produção do livro implica a descrição e a análise das características físicas dos exemplares conservados da edição ou das edições do texto considerado” (Idem).

* Graduado em História pela UNESP/Assis e Mestre em Educação pela UNESP/Marília samirghaziri@yahoo.com.br

** Psicóloga e Mestranda em Psicologia pela UNESP/Assis. carolinapsico2@yahoo.com.br

Esse esforço para recuperar a edição de um texto com a maior proximidade possível de seu original tem como finalidade, conforme Chartier (2002),

reconstituir o modo de composição do texto, determinando, por exemplo, os hábitos gráficos e ortográficos dos diferentes compositores que trabalharam em uma mesma obra, ou então identificando certas particularidades (letras deterioradas, iniciais, adornos) de seu material próprio. O ritmo de reaparecimento desses elementos claramente reconhecíveis no livro impresso pode ensinar muito sobre a organização de sua fabricação, sobre a ordem da composição e da impressão, sobre as decisões textuais atribuíveis aos compositores, sobre a maneira como o texto foi composto [...] ou sobre as correções introduzidas no decorrer da tiragem (Ibidem, p. 246).

Desse modo, o livro de Mckenzie (2005) chocou os tradicionais estudiosos da bibliografia, defensores dos postulados citados acima, porque imprimiu a essa disciplina novos conceitos e ampliou seu escopo epistemológico, convertendo-a, assim, em *sociologia dos textos*. A partir dessa redefinição, a bibliografia passou a ter que ocupar-se não somente dos textos que são livros, mas dos registros escritos em suas múltiplas aparições. E, ainda mais, passou a defender enfaticamente que “o sentido das obras depende, também, de suas formas gráficas e das modalidades de sua inscrição sobre a página” (CHARTIER, 2005, p. 8. Tradução nossa).

Sob a nova orientação, surgiram novas incumbências, entre elas:

estabelecer protocolos de descrição capazes de levar em conta (abarcando) todos os impressos que não são livros e todos os textos que não são escritos; considerar a partir de uma mesma perspectiva analítica o conjunto dos processos de produção, transmissão e recepção dos textos – em todas as suas formas (Idem, p. 11. Tradução nossa).

Para Chartier (2005), a bibliografia, ao passar por esse processo de redefinição,

se converte em uma disciplina central, essencial para compreender a maneira como as sociedades dão

sentido aos múltiplos textos que recebem, produzem e interpretam. Ao designar à disciplina a tarefa fundamental de articular formas materiais e simbólicas, Mckenzie apaga a divisão tradicional entre ciências da descrição e ciências da interpretação, entre morfologia e hermenêutica. (Ibidem. Tradução nossa).

Por fim, a esse respeito, é importante dizer que a sociologia dos textos desenvolvida por Mckenzie (2005) não é uma sociologia estática, pelo contrário, ela considera o dinamismo das mudanças que percorreram os diversos tipos de textos nos diferentes momentos históricos. O estudioso rejeita a imobilidade social como explicação para a circulação dos textos ou para a falta dela. Para ele, são as diferentes formas materiais assumidas pelos textos que permitem seu trânsito entre os diferentes públicos.

Alguns objetos de leitura são socialmente mais valorizados do que outros. Dentre eles, o principal é o livro impresso. O criador da sociologia dos textos tentou romper com essa tradição, sobretudo em seu território de atuação, marcado pelo vínculo entre texto e livro. Mckenzie (2005) estremeceu as bases dessa tradição ao estender a categoria de textos para os “dados verbais, visuais, orais, numéricos e em forma de mapas, impressos e músicas, arquivos de registros sonoros, de filmes, vídeos e a informação computadorizada” (MCKENZIE, 2005, p. 31. Tradução nossa).

Mckenzie, ao ampliar a noção de texto, estava preocupado com as mudanças que ocorriam a sua volta, pois seu objetivo era o de abarcar as novas formas de registros que o rodeavam.

Para justificar essa ampliação, Mckenzie (2005) recorre à origem do termo texto e encontra no Latim o correspondente *tecer*. Desse modo, se escrever é tecer, esses processos criam objetos materiais. E conforme afirma Mckenzie (2005), esses objetos não contêm uma substância ou formas exclusivas. Assim, “a ideia de que os textos são registros escritos sobre pergaminho ou papel deriva somente do sentido secundário e metafórico de que a es-

crita de palavras é como o tecido de fios”. (Idem. Tradução nossa).

Sob esse ângulo, cada um dos textos com os quais temos contato contém sempre uma materialidade específica como suporte. Fato que merece nossa atenção, sobretudo para o que Chartier (2005) chama de “mecanismos específicos pelos quais cada forma de inscrição de uma linguagem particular produz sentido” (CHARTIER, 2005, p.7. Tradução nossa). Dessa forma, é reiterada a ideia de que as formas materiais que oferecem os textos à leitura influenciam na atribuição de sentido ao escrito.

Esses elementos, que não são os tópicos verbais do texto, isto é, que configuram a organização do espaço, a forma dos textos e das materialidades que lhe dão suporte, segundo Mckenzie (2005), possuem uma função expressiva na produção de significado. O texto *on-line*, na Internet, ou gravado na memória de um computador é imaterial, não pode ser tocado com as mãos, mas, obviamente, é um objeto material que lhe dá suporte: o monitor ou a tela do computador. E essa nova materialidade, assim como as formas materiais dos livros, detem uma função expressiva ao influenciar na atribuição de sentido as palavras e códigos.

Assim, a sociologia dos textos é uma contraposição às concepções dos textos como um conjunto de “signos impressos considerados marcas arbitrárias” (MACKENZIE, 2005, p. 32. Tradução nossa) sobre o papel ou outros materiais. Mackenzie se posiciona enfaticamente contra a abstração dos textos, assim como Chartier se posiciona contra a abstração da leitura.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____, R. “Um humanista entre dos mundos: Don Mckenzie”. Prólogo, In: MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Traducción Fernando Bouza. Madrid: Akal Ediciones, 2005.

Enviado em 04 de junho de 2008
Aprovado em 10 de agosto de 2008